

# Pós-modernismo e informação: conceitos complementares?

Ana Maria Pereira Cardoso\*

*Partindo dos conceitos de ciência, pós-modernidade e informação, procura-se uma melhor compreensão da ciência da informação, como conhecimento historicamente datado, originário e determinado pela contemporaneidade. Conclui com elementos que podem auxiliar a reflexão sobre a ciência da informação no contexto da sociedade brasileira.*

63

## 1 Desafiando o pensar...

**E**m agosto de 1991, na Universidade de Tampere (Finlândia) quando da realização da "International Conference on Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives", Gernot WERSIG<sup>1</sup> afirmou, em instigante artigo, que os recentes desenvolvimentos na produção do conhecimento e no estatuto da informação no mundo contemporâneo, estão a exigir uma diferente conceituação de ciência e, especialmente, da ciência da informação:

*... "such a science would be established as a prototype of a new or postmodern science. Postmodern science is not like classical science, driven by the search for complete understanding of how the world works, but by the need to develop strategies to solve in particular those problems which have been caused by classical sciences and technologies."*

Semelhante afirmativa indicou uma nova direção para a reflexão acerca da ciência da informação, sobre a qual muito tem sido escrito nos últimos trinta a quarenta

\* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG

<sup>1</sup> O paper em questão foi posteriormente publicado em *Information Processing & Management*, v.29, n.2, p. 229-239, 1993.

anos, sem que, no entanto, tenha alcançado a consolidação e a legitimidade das chamadas *hard sciences*.

Tomando a afirmativa acima como desafio, este texto pretende contribuir para tal reflexão no âmbito da ciência da informação como entendida e praticada em nosso país, partindo da compreensão dos termos que constituem: ciência, pós-modernidade e informação.

## 2 Acerca de Ciência...

Embora o termo **Ciência** tenha adquirido um caráter de obviedade dada a abrangência de seu uso nos mais diferentes contextos e situações sociais, a construção da argumentação que se quer apresentar neste artigo reforça como imprescindível o destaque de alguns dos seus aspectos fundantes.

A consulta a qualquer compêndio de história do pensamento poderá demonstrar que desde os primórdios da humanidade, o homem foi desafiado pelo desejo de conhecer a natureza e suas formas de ação, existindo desde a Antiguidade registros de teorias explicativas sobre a vida e o mundo: dos mitos aos átomos, da medicina às idéias, da história à filosofia. Do Egito, da Grécia, de Roma, da Europa Medieval, da América pré-colombiana, do Oriente, de todas as civilizações sabemos do empenho de homens sábios ou estudiosos em apreender os mistérios da natureza e da experiência humana.

Tais esforços resultaram em sistemas explicativos globalizantes, isto é, que construíam teorias<sup>2</sup> interpretativas dos fenômenos e assim, ajudavam o homem a se situar no tempo, no espaço e na sociedade. Muitas das teorias resultaram em aplicações e avanços nos procedimentos de intervenção na natureza: técnicas de cultivo, de construção de abrigos, de cuidados com a prole e com os doentes, de navegação, de comunicação... Paulatinamente, os sistemas teóricos permitiram a acumulação de conhecimentos e a complexificação das relações sociais, desenvolveram-se sistemas políticos, econômicos, jurídicos, morais, redimensionando as práticas culturais nos vários contextos histórico-sociais que aprendemos a identificar nas lições de história geral.

Entretanto, a **Ciência** como ainda é, majoritariamente, conhecida e praticada hoje, consiste numa produção historicamente datada: surgiu no bojo das primeiras manifestações de um vasto período plurisecular, no qual se gestou o que conhecemos

---

<sup>2</sup> É interessante recordar que a palavra *etimologica* guarda relação com as caravanas oficiais ou sagradas enviadas a locais especiais de onde podiam observar os jogos ou consultar os oráculos, contando em seu retorno o relato do acontecido.

como "Iluminismo", ou seja, a crença disseminada socialmente na razão como fonte e como norte da ação humana (a seção seguinte desenvolverá melhor este tema). Segundo essa concepção, seria possível ao homem apreender as forças e manifestações da natureza física, biológica ou social e através do pensamento - "*Cogito, ergo sum*" - direcionado em uma *análise metódica*, construir doutrinas ou leis de aplicação universal, vindo a desaguar, em um futuro remoto, numa sociedade justa e solidária, com a superação dos imperativos da necessidade: basicamente, tendo garantida sua sobrevivência (alimentos, abrigo, reprodução da espécie).

Assim concebida a **Ciência** foi incorporada ao cotidiano das pessoas, tendo desenvolvido um discurso legitimador com base no "saber racional", que veio a ser detentor do poder hegemônico sobre o restante da sociedade. Dessa forma, as sociedades contemporâneas tornaram-se dependentes do saber legitimado como mediação na explicação de todas as manifestações e práticas da vida: o discurso médico, o discurso pedagógico, o discurso político-econômico, o discurso psicológico, o discurso amoroso, etc, etc... sem os quais não sabemos mais nos comportar<sup>3</sup>, e dependentes também das formas de organização da produção e distribuição de mercadorias necessárias à sobrevivência.

Temos aqui um primeiro paradoxo: esperava-se que a racionalidade embutida no método de olhar e interpretar o mundo permitisse a configuração de uma organização da sociedade na qual o "Esclarecimento"<sup>4</sup> (a ser atingido pelo acesso ao conhecimento acumulado e transmitido universalmente pelas instituições educacionais) garantiria ao seu possuidor a participação no direcionamento das questões públicas de interesse comum e um melhor relacionamento entre os indivíduos. Ora, ao cabo de alguns séculos, estamos nos deparando com uma sociedade excludente de grandes grupos de população. Exclusão esta causada por vários fatores, dentre eles, a própria incapacidade do sistema educacional, montado sobre as idéias anteriormente citadas, em dar conta de disseminar ampla e equitativamente o conhecimento. De todo modo, o ideal científico permaneceu incorporado ao imaginário social e tornou-se o argumento por excelência de construção da hegemonia político-econômica.

A aplicação do conhecimento científico a situações empíricas redundou no rápido desenvolvimento de tecnologias, complexificando cada vez mais os processos produtivos de bens e serviços, em uma dinâmica auto-alimentadora, na qual cada mudança tecnológica engendra necessidades e imperativos que são, por sua vez, detonadores de outras soluções e produtos, indefinidamente. Chegamos então, à

---

3 Este tema é desenvolvido dentre outros autores por Chauí, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1980.

4 Esclarecimento é uma forma variante de designar o mesmo fenômeno identificado como Iluminismo ou Ilustração.





### 3 Sobre a Pós-Modernidade...

Quando em 1979, Jean François LYOTARD principiava seu livro *O pós-moderno* com a seguinte frase:

*"Este estudo tem por objeto a posição do saber nas sociedades mais desenvolvidas. Decidiu-se chamá-la de 'pós-moderna'. A palavra é usada, no continente americano, por sociólogos e críticos. Designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX".<sup>11</sup>*

não podia antecipar a polêmica que se seguiria (e ainda continua) acerca da existência de uma ruptura na ordem anterior e sua substituição por outra. Embora inicialmente direcionada às esferas das artes e da literatura, referindo-se à falência do estilo de grandes relatos como explicativos da experiência humana, a expressão terminou por englobar análises sócio-antropológicas, filosóficas, político-econômicas.

Enquanto esse autor e outros mais apontam que as mudanças processadas no modo de vida do homem e na organização da sociedade constituem um marco delimitador de duas épocas, rompendo com a ética e os valores antes professados, outros ainda relacionam tais transformações ao acirramento das características surgidas no bojo do Iluminismo, privilegiando a razão e o saber delas decorrentes. Segundo alguns pensadores, tais características levadas ao extremo teriam propiciado o predomínio de comportamentos guiados pelos imperativos da razão sobre a emoção, do interesse particular sobre o coletivo, da ordem e do método sobre a função da vida, da vantagem pessoal e do lucro sobre a solidariedade e o bem comum, resultando em uma organização social apática frente à exploração e ao hedonismo, assumidos como valores universais.

Nesta segunda posição, o nome mais conceituado e que, portanto, lidera a argumentação contrária à instauração do conceito de *pós-modernidade* é o do filósofo alemão Jurgen HABERMAS. De fato, sua teoria, que preserva a moral iluminista vê o Homem como agente em duas esferas da vida:

- a) o mundo vivido (*lebenswelt*) onde se processam as relações cotidianas e portanto, onde se dão as reproduções simbólicas que organizam em esquemas interpretativos as nossas experiências;
- b) o sistema, onde se processa a reprodução material e institucional da sociedade.

De forma ampla, poderíamos dizer que o mundo vivido é a esfera da cultura (em seu sentido antropológico, isto é: o *modus vivendi*) enquanto ao sistema correspondem as esferas da economia e do poder (Estado e sociedade política).

De acordo com essa teoria, a racional idade, perseguida desde o período das *Luzes*, teria penetrado todas as esferas da vida humana (o mundo vivido) e organizado



as suas manifestações em sociedade (o sistema), em um processo autogerador que teria culminado no seu acirramento, com conseqüente aparecimento de formas exacerbadas monstruosas. O trecho a seguir é útil para retratar essa posição teórica, de repúdio ao que consideram a falência da civilização idealizada pelo Iluminismo, causada pelo emprego extremado do método cartesiano no contexto de uma sociedade espoliadora e direcionada à racionalidade lucrativa, e foi escrito por um discípulo de HABERMAS, o brasileiro Sergio Paulo ROUANET:

*"Todos dizem que a modernidade está em crise. (...) O que existe atrás da crise da modernidade é uma crise de civilização. O que está em crise é o projeto moderno de civilização, elaborado pela Ilustração européia a partir de motivos da cultura judeo-clássica-cristã e aprofundado nos dois séculos subseqüentes por movimentos como o liberal-capitalismo e o socialismo. O projeto civilizatório da modernidade tem como ingredientes principais os conceitos de universalidade, individualidade e autonomia.(...) Ora, este projeto civilizatório está fazendo água por todas as juntas. O universalismo está sendo sabotado por uma proliferação de particularismos - nacionais, culturais, raciais, religiosos. (...) A individualidade submerge cada vez mais no anonimato do conformismo e da sociedade de consumo: não se trata tanto de pensar os pensamentos que todos pensam, mas de comprar os videocassetes que todos compram, nos aviões charter em que todos voam para Miami. A autonomia intelectual, baseada na visão secular do mundo, está sendo explodida pelo reencantamento do mundo, que repõe os duendes em circulação, organiza congressos de bruxas, associase ao guia Michelin para facilitar peregrinações esotéricas a Santiago de Compostella e fornece horóscopos eletrônicos a texanos domiciliados no Tibet. A autonomia política é negada por ditaduras ou transformada numa coreografia eleitoral encenada de quatro em quatro anos. A autonomia econômica é uma mentira sádica para os três terços (sic) do gênero humano que vivem em condições de pobreza absoluta."*<sup>7</sup>

A longa citação acima teve por objetivo permitir a contraposição sucinta das bases essenciais do projeto *civilizatório* da modernidade com o cerne dos argumentos que apontam para o seu fracasso, alicerçados principalmente no caráter massivo e consumista<sup>8</sup> da sociedade contemporânea. Para os auto-intitulados pós-modernistas, o Homem Racional, ideal dos iluministas, jamais teria passado de mera utopia, subsistindo, em seu lugar, a horda, a massa irreprimível e insaciável, para a qual o mundo reificado é objeto do consumo, sendo válidas quaisquer estratégias que permitam tal consumo, nada restando aos seus analistas senão compreender o fenômeno, impossibilitados de alguma intervenção. Contra o niilismo dos pós-modernistas, HABERMAS sugere a teoria da *Ação comunicativa*, fundada nas

---

<sup>7</sup> O trecho é reprodução da página 9 de seu livro *Mal-estar na Modernidade*. São Paulo: Companhia da Letras, 1993

potencialidades políticas do agir e do comunicar como redenção do modelo fracassado.

O que pretendemos mostrar neste ponto é que o antagonismo fundamental entre os conceitos de modernidade e pós-modernidade, repousa em uma visão que conserva ou rejeita os fundamentos da compreensão iluminista do homem e seu estar no mundo. Ambas as correntes de pensamento enxergam as atrocidades e problemas que se colocam para as sociedades contemporâneas mas, enquanto uma permanece confiante nas potencialidades humanas de superação da crise, a outra aposta na barbárie como saída. Recapitulando: o ideário das Luzes entendia que pelo uso de sua razão, o homem poderia ser sujeito de sua história, livre para julgar (decidir) e agir de acordo com os valores éticos, comuns a toda humanidade e amplamente disseminados socialmente pela instrução (educação, aprendizado) de forma a atingir uma organização social em que todos teriam direitos iguais como garantia à realização de suas potencialidades.

Ora, o bem pensado não se concretizou. A explosão demográfica possibilitada pelos avanços nas ciências da vida (menor mortalidade infantil e maior longevidade) não foi acompanhada pela necessária explosão indiscriminada da educação (socialização de valores e de saberes). A enorme ampliação do volume de alimentos e produtos industrializados, permitida pelo avanço das técnicas de cultivo, de armazenagem e dos processos produtivos, foi incapaz de superar os entraves da distribuição, seja no contexto de organização social engendrada pelo capitalismo ou pelo socialismo real. A complexificação da vida social e a sua estruturação em classes segmentadas impediu o acesso equitativo ao usufruto de bens e serviços disponibilizados pelo progresso da civilização. A miséria convive com a heteronomia, em termos individuais e sociais. Nesse cenário faz-se necessário um novo conceito que seja capaz de descrever o real: *pós-modernidade*.

Dentre aqueles que o adotam, existem tanto os *apocalípticos* quanto os *integridos*<sup>9</sup>, isto é, os que rejeitam qualquer possibilidade de continuidade do ideal iluminista, antevendo a exacerbação das características negativas do período, e outros que entendem a época como uma decorrência histórica das escolhas anteriormente feitas e com desdobramentos possíveis em várias direções, pregando a urgência de uma atitude crítica diante da perda dos valores humanistas.

Não é nossa pretensão tomar partido entre os dois rótulos e suas dissociações, embora o humanismo alicerçado na reflexão crítica mereça a preferência. O que nos

---

8 É interessante relembra neste ponto que o termo consumo tem sua origem ligada à biologia, na representação do processo metabólico, onde a consumação do alimento é necessária à produção da energia vital ininterruptamente.

9 Aproveitando o título da obra de UMBERTO ECO voltada para a compreensão da indústria cultural e da sociedade de massas, mas que pode contribuir para ampliar o entendimento do nosso argumento.







individual e grupal pela temporalidade, pelo espaço físico-geográfico da presença, pela organização social *desencaixada*, com o fluxo virtual do dinheiro e do poder, subvertendo a economia e a política. Compreender essas características da sociedade globalizada na qual vivemos é fundamental para compor o quadro analítico que pretendemos; bem mais importante que a simples atribuição de rótulos ao período, ainda que reconheçamos que não podem ser ignoradas as diferentes influências ideológicas presentes no contexto da produção de ambos. E, principalmente, para entendermos que o mundo hoje é diverso daquele que se amoldava confortavelmente ao modelo da modernidade.

#### 4 e ainda... INFORMAÇÃO

O terceiro elemento que nos propusemos examinar a partir da afirmativa de WERSIG, nos é bem mais familiar: a *informação* e, sobre ele repousa boa parte dos elementos que tornam a contemporaneidade diversa de uma época ainda pouco distante. Tal familiaridade é, de certa forma, relativa. Ou seja, termo cujo uso remonta à Antigüidade (sua origem prende-se ao latim *informare*: dar forma a) sofreu, ao longo da história, tantas modificações em sua acepção, que na atualidade seu sentido está carregado de ambigüidade: confundido freqüentemente com *comunicação*, outras tantas com *dado*, em menor intensidade com *instrução*, mais recentemente com *conhecimento*. De toda forma, data deste século o destaque maior ao termo, desde sua apropriação enquanto fator de produção, no cenário de uma economia estruturada com base em estoques de conhecimento, produzidos e disseminados velozmente graças às tecnologias comunicacionais modernas.

O enfoque que pretendemos imprimir a este texto coloca a informação sob os refletores da sociologia do conhecimento, por entendermos que nosso objeto é inerentemente gnoseológico e social.

Se considerarmos a forma de o homem se situar no mundo, veremos que ontologicamente existe uma aspiração à coerência, materializada através da ordenação das experiências cotidianas numa continuidade linear - passado, presente, futuro considerada natural (normal e evidente) e compartilhada com os demais. As experiências bem sucedidas tendem a cristalizar-se em hábitos, liberando as energias despendidas na solução dos problemas imediatos pelas respostas já apreendidas e automatizadas. Tais hábitos conformam a tradição e esta, a *cultura*. Em sendo assim, a socialização de novas gerações acontece pela narrativa de fatos e acontecidos (tradição oral, vivência familiar) ou pela aprendizagem da experiência prévia



sistematizada e registrada de modos vários. Cada nova experiência traz em si o potencial do novo, pela pluralidade de possíveis soluções, comportamentos, atitudes<sup>11</sup>, contribuindo para a instauração da mudança e instituindo novas práticas culturais.

Quando refletimos sobre *informação* podemos perceber que ela possui duas dimensões intrinsecamente conectadas: a pessoal e a coletiva. A dimensão pessoal da informação manifesta-se pelo acervo de soluções e interpretações que acumulamos no desenrolar de nossa biografia, através daquilo que experienciamos e que nos fornece pistas para lidarmos com novas experiências. A dimensão coletiva identifica-se com fragmentos do conhecimento produzido desde que o mundo é mundo, ou seja, as sistematizações e interpretações de experiências disponibilizadas socialmente, ainda que não se possa deixar de destacar que tal disponibilização ocorre diversamente entre os indivíduos em função dos diferentes lugares que ocupam na estrutura social.

Como foi frisado acima, as duas dimensões interpenetram-se, pois inexiste a informação independente de sua transmissão ou compartilhamento, que se faz pelo processo de comunicar (colocar em comum), bem como é impossível um ser humano (na acepção completa da expressão) desconectado da herança cultural comum ao grupo ao qual pertence. Assim sendo, podemos considerar que a informação é uma prática intersubjetiva: "elo de ligação entre o produto do pensamento e o processo do pensamento, segundo a acepção de Teixeira MENDES.

Neste sentido, também, a entendemos como *instituinte da cultura*, ao revelar novas alternativas possíveis para a ação, que se cristalizam em práticas a serem reconsideradas, reinterpretadas, reformuladas *ad infinitum*, dando ocasião ao aparecimento e consolidação de outras manifestações culturais. Talvez possa ser dito ainda, nessa mesma linha, que a informação se constitui na energia de um processo autogerativo de acercamento do saber.

A informação como fenômeno, embora remonte ao sempre do homem, adquiriu autonomia como objeto de reflexão contemporaneamente, induzida pela enorme velocidade na produção e consumo do conhecimento, geradores da fragmentação e especialização. Nessa direção, pode ser entendido que o papel anteriormente desempenhado pelo conhecimento como orientador pessoal das ações e comportamentos humanos em um contexto de saberes estáveis (cumulativos e verdadeiros), sofreu uma transformação em sua essência, como decorrência de todos os pontos acima apontados: não sendo estável, o conhecimento antigo pode ser substituído por um novo; não sendo universal e absoluto, pode ser desalojado por outro mais adequado à circunstância do momento; não sendo possível abarcar a totalidade

---

11 HANNAH ARENDT, em seu *A condição humana* (Rio de Janeiro: Forense, 1989) escreve..."o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade" (p.17)

dos fenômenos examinados pela humanidade em um conjunto unitário, apreensível por um indivíduo, pode ser fragmentado; e assim por diante, ininterruptamente, exigindo outro modo de representação: a informação.

## 5 Ciência da Informação e Pós-Modernidade

A construção do campo de conhecimento identificado como *ciência da informação* teve seu início na década de quarenta, muito embora algumas vertentes que aí vieram ter, já existissem autonomamente, desde o século passado, por exemplo a documentação e a biblioteconomia. Duas foram as questões principais que colocaram o imperativo de se refletir sobre a área, segundo o enfoque específico da **Ciência**: a chamada *explosão informacional* ou seja, o crescimento exponencial na produção de conhecimento/informação e o avanço desmesurado das possibilidades tecnológicas para seu registro, circulação e divulgação.

Como vimos, a racional idade científica, ao se expressar através da aplicação de uma metodologia objetiva, possibilitou o progresso do conhecimento, num processo contínuo, a *ciência moderna*, que vem se ampliando desde a elaboração das leis do movimento por Isaac Newton. Compunha o ideário do paradigma científico iluminista a atribuição de importância à sistematização e disseminação dos fenômenos estudados, haja vista a proliferação das sociedades científicas nos séculos XVIII e XIX, sempre tendo entre seus objetivos a publicação de novas descobertas, experimentos, teorias e leis, uma vez que o conhecimento é um patrimônio universal e, como tal, deve ser amplamente distribuído, como garantia da igualdade de participação de todos os homens na condução da sociedade. Estes elementos determinaram o movimento editorial que atingiu, em meados do século XX, as proporções, antes impensáveis, da explosão informacional. Desde então o crescimento é incessante.

Concomitante com o fenômeno acima indicado e também graças à **Ciência**, processou-se o desenvolvimento da tecnologia, que consiste na aplicação de descobertas científicas para a solução de problemas práticos e utilitários. Das inúmeras ramificações da tecnologia, aquelas dos microprocessadores e das telecomunicações deflagraram tal revolução nos procedimentos de transmissão de informações que engendrou nova cultura onde as dimensões de tempo e espaço foram subvertidas, como mencionado anteriormente.

Lidar com o grande volume e a diversificação de informações registradas em variadas formas, com vistas à sua mais ampla difusão, foi o imperativo condicionante do surgimento da ciência da informação. Fortemente influenciadas pelas ciências



+  
+  
+  
+  
+  
+  
+  
+  
+  
+  
+  
empíricas, as primeiras manifestações desse campo embrionário pretendiam estabelecer leis universais que representassem o fenômeno informacional, daí a recorrência a modelos matemáticos (teoria da informação), físicos (entropia) ou biológicos (teoria epidemiológica) .

Em 1968, BORKO sintetiza através de uma definição as idéias que desde o começo da década circulavam acerca do campo em constituição:

*"Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso. (...) Ela tem tanto um componente de ciência pura, através da pesquisa dos fundamentos, sem atentar para sua aplicação, quanto um componente de ciência aplicada, ao desenvolver produtos e serviços. "*<sup>12</sup>

Na década de setenta entra em cena um personagem que redireciona o enfoque da ciência da informação: o *usuário*. Sua introdução em um contexto que pretendia se aproximar das *hard sciences* decorre da necessidade de conhecer o público ao qual se destinavam os serviços informacionais - como esse público se comportava na produção, na demanda e na divulgação de informações. Com a presença dos usuários, as ciências humanas e sociais passam a contribuir também, com seus métodos e práticas para a composição dessa ciência emergente.

Constitui-se assim sua interdisciplinaridade, característica cada vez mais presente como componente da **Ciência** na sociedade atual, em que a magnitude dos problemas enfrentados (ecológicos, étnicos, demográficos) está a exigir soluções inovativas e plurais. A ciência da informação vem se consolidando, então, a partir de elementos emprestados da matemática, da física, da biologia, da psicologia, da sociologia, da antropologia, da semiologia e da teoria da comunicação e de quantas ciências puderem contribuir para sua fundamentação e aplicabilidade.

Outro aspecto que deve ser contemplado é a ligação essencial da ciência da informação com as tecnologias de armazenagem, processamento e circulação de dados, também características desta época: utilização de tecnologias sofisticadas na busca de maior eficiência no tratamento de questões complexas (rapidez, flexibilidade, dimensionamento, acessibilidade).

## 6 ...e, quanto ao Brasil

A ciência da informação no Brasil é herdeira direta da Biblioteconomia, da Bibliografia e da Documentação. Seu aparecimento no cenário oficial deu-se com a

---

<sup>12</sup> Citado em SARACEVIC , T. *Information Science: origins, evolution and relations*. Trabalho apresentado na conferência de Tambere (citada anteriormente) com tradução publicada neste fascículo.

criação de Mestrado com tal denominação pelo IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, sucessor do antigo IBBD - Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Tal fato, além de comprovar as origens citadas, demonstra também a vinculação estreita e o compromisso da ciência da informação com a *ciência* e a *tecnologia*, hegemonia mantida até os dias atuais.

Pouco a pouco, sob forte influência estrangeira como é do feitio da cultura nacional, a nova mentalidade foi sendo irradiada de seu núcleo inicial logrando ocupar redutos distantes e conservadores. Desse intercâmbio resultou uma forte tendência à ampliação do escopo da ciência da informação como ela é praticada entre nós, com a incorporação de sub-áreas direcionadas ao estudo de problemas contextualizados da realidade brasileira, enriquecendo o enfoque científico e tecnológico.

De fato, a sociedade brasileira apresenta diversidade sócio-econômica-cultural tão grande que convivemos com o acesso à *Internet* simultaneamente com o analfabetismo; com o elevado índice de instalação de antenas parabólicas simultaneamente com a falta de saneamento básico; para só citar duas das muitas contradições presentes.

Diversos projetos de modernização do país malograram desde o Império. Dom Pedro II, educado por seu tutor José Bonifácio de Andrada e Silva segundo os preceitos iluministas, correspondia-se com filósofos europeus mas, o mais que fez pelo esclarecimento em terras brasileiras foram iniciativas isoladas, como a fundação de colégio que recebeu seu nome, na cidade do Rio de Janeiro, vocacionado a ser modelo para a educação nas províncias. Algumas outras tentativas partiram de pessoas visionárias, geralmente ligadas ao mundo dos negócios e com vivência européia, como o Barão de Mauá.

Após a República continuou em pauta o debate (especialmente entre os positivistas que endeusavam a Ciência como via única para a civilização atingir os trópicos<sup>13</sup>) acerca das formas de atualização do país, significando uma aproximação com os níveis de vida e de produção econômica (especialmente) dos países da Europa e dos Estados Unidos (modelo perseguido mundialmente após a Segunda Guerra Mundial). Pouco foi construído além das discussões. Os estados sulinos, por forte influência dos imigrantes que ali se estabeleceram, lograram desenvolver, à revelia do governo federal, um sistema escolar que muito contribui para preparação de suas elites (e mesmo da população em geral) visando a atingir a hegemonia político-econômica que detém na atualidade. Com algumas diferenças, também Minas Gerais e Rio de

---

13 Constituem fontes necessárias à compreensão da produção de idéias neste período as obras de JOSÉ MURILO DE CARVALHO, *A formação das almas e Os bestializados*, ou no campo da literatura MACHADO DE ASSIS E ALUISIO DE AZEVEDO.





às redes informatizadas representaria marginalização ou integração social? Até que ponto a informação disponibilizada virtualmente representa garantia de sua democratização?

O desafio colocado para todos os profissionais que exercem a ciência da informação é encontrar formas de contextualizá-la (sem desqualificá-la) à realidade brasileira, com suas disparidades e contradições. **Ciência** sim, **Pós-Moderna** sim; mas, sem abrir mão de seu compromisso com a transformação deste país, não apenas em uma potência econômica competitiva e globalizada, mas sobretudo em uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna de dimensão planetária, não perdendo de vista a dimensão política do trabalho informacional em busca da garantia para maior participação social para o conjunto da população.

Para tanto é imprescindível recriar a ética, recuperar os valores apagados do Iluminismo, sem perder a perspectiva do coletivo, do bem comum, da coisa pública, do meio-ambiente... Somente dessa forma serão superados, dialeticamente, os pontos negativos decorrentes do exacerbamento da *utopia moderna*, agregados ao nosso cotidiano.

Se o projeto originário do século XVIII não logrou atingir a pretendida sociedade, menos conflituosa e mais feliz, por meio da disseminação universal do conhecimento (esclarecimento), contou para o seu malogro com outros muitos fatores, coadjuvantes do fracasso do sistema educacional. Ainda assim, se até hoje não foi comprovada a importância do aporte do conhecimento para as relações interpessoais, é mais do que patente sua influência e alcance na formação e aprimoramento das sociedades e na produção de riquezas.

Nesse sentido, a informação, como modo de as sociedades pós-modernas processarem a produção e transmissão de saberes e valores, através da utilização de tecnologias apropriadas e dos aparatos de comunicação massiva, constitui-se em objeto a ser analisado e compreendido em profundidade, carecendo, portanto, de uma **ciência** que o investigue: a ciência da informação.

## 7 Uma resposta possível

As reflexões apresentadas conduziram a indagação inicial a uma resposta que, como todo o restante traz as marcas do tempo histórico de sua constituição. Ainda assim, entendemos pós-modernidade e informação como complementares em seu engendramento no seio da sociedade contemporânea, ainda que guardem em sua especificidade a contradição de, estando voltadas para possibilitar a apreensão do real, permitirem apenas fragmentariamente sua abordagem, como foi demonstrado pelos pontos expostos.







3. DE BRUYNE, P. *et al.* **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

4. FREITAG, B. Habermas e a filosofia da modernidade. **Perspectivas:** Revista de Ciências Sociais. São Paulo, v.16, p.23-45, 1993.

5. HABERMAS, J. **El discurso filosofico de la Modernidad.** Madrid: Taurus, 1989.

6. HARVEY,D. **Condição pós-moderna;** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1994.

7. JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE. Special topic issue: Information Resources and Democracy. v.5, n.6, July 1994.

8. LÉVY,P. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, /198-? /.

9. MORIN, E. **Terra-Pátria.** Lisboa: Instituto Piaget, lí 98-?1.

10. MOSCO,V. Rethinking and renewing the political economy of information. **Canadian Journal of Information and Library Science,** v.20, n.2, p.10-29, July 1995.

11. SADER,E. (Org.). **O mundo depois da queda.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

